

A ALT-RIGHT E O RACISMO NA INTERNET THE ALT-RIGHT AND INTERNET RACISM

Por Cecília Souza Grecchi¹

Resumo: Nascidos como dissidentes do conservadorismo tradicional, a *alt-right* define-se como uma filosofia baseada no sentimento de ódio, supremacia e injustiça cometidos contra a população branca, e sua presença se faz clara especialmente em momentos de debate acerca de questões políticas e raciais. O presente artigo visa traçar um perfil geral de como esse grupo se forma, quais são seus valores defendidos e, principalmente, quais são suas visões acerca da população negra. Utilizando como referência as atividades dos usuários do fórum Stormfront (o maior fórum abertamente nacionalista branco da internet), apresentamos como o racismo se constrói e se adapta ao momento histórico em que se encontra, focando principalmente em publicações de usuários no site. **Palavras-chave:** Alt-right. Stormfront. Internet. Supremacia branca. Racismo.

Abstract: Born as dissidents of traditional conservatism, the alt-right defines itself as a philosophy based on the feeling of hatred, supremacy, and injustice committed against the white population, and its presence is seen especially in moments of debate about political and racial issues. This article aims to outline a general profile of how this group is formed, what values are defended, and mainly their views on the black population. Using the activities of users of the Stormfront forum (the largest openly white nationalist forum on the internet) as a reference, we aim to provide an overview of how racism is built and how it adapts to the historical moment it's in, focusing mainly on the posts of the users. **Keywords:** Alt-right. Stormfront. Internet. White supremacy. Racism.

1 INTRODUÇÃO

Nos Estados Unidos contemporâneo, é possível observar uma grande onda de movimentos que questionam o *status quo*, tais como os já conhecidos movimentos feministas, negros e indígenas, que lutam pela recuperação de direitos historicamente negados e pelo protagonismo nas mais diversas áreas da sociedade. Dentre esses movimentos podemos destacar o movimento negro, cuja luta remonta ao princípio da história do país como Estado independente e uma de suas mais profundas bases: a exploração de seus corpos como motor do desenvolvimento, em detrimento de seus direitos sociais enquanto povo e do reconhecimento de sua humanidade. É pensando no passado e no presente do

1 Graduada em Relações Internacionais pela Universidade Federal Fluminense; csgrecchi@id.uff.br

povo africano e seus descendentes espalhados ao redor do mundo que nasceu, na Organização das Nações Unidas (ONU), a Década Internacional de Afrodescendentes (2015 - 2024). A proposta do período é o maior incentivo a debates e planos de ação que visam a reparação de danos históricos provocados pela longa exploração enfrentada por esses povos, bem como uma maior difusão de informações acerca da história e das problemáticas que circundam as questões que permeiam o grupo atualmente, tais como a maior dificuldade de acesso à educação superior, maior taxa de encarceramento, menor acesso a serviços públicos básicos e menor representatividade nos grandes veículos midiáticos.

Desta forma, visa-se a preservação e o respeito aos direitos humanos fundamentais desta população, bem como a promoção de seus patrimônios culturais e a ação internacional para a efetiva implementação da Declaração e Programa de Ação de Durban e da Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial. No entanto, o recrudescimento dos debates gerou um largo contra movimento reacionário, que, apesar de esconder-se debaixo do anonimato e da vergonha, está gradativamente ganhando mais força e, por consequência, voz entre o grande público, ameaçando as vitórias obtidas por minorias após séculos de opressão.

A *alt-right* nasce como uma negação contemporânea não só das tendências progressistas, mas também do conservadorismo tradicional, apelando para o extremismo político e a supremacia racial. É uma ideologia que diariamente se fortalece por seus meios eficientes de propaganda e pelo crescente senso de setores da população branca de que seus antigos privilégios estão sendo desfeitos e isso se trata de um grande problema.

Há um esforço para esconder o ódio por trás de uma espécie de apego cultural, onde o principal argumento seria a utilização do mesmo discurso presente na esquerda de exaltação de culturas e símbolos antes considerados menores pela sociedade. Por trás de simples ideias como a preservação da história branca, de seus valores simbólicos e do orgulho de seu sangue, é tecida uma narrativa que descreve uma guerra entre brancos e não-brancos, em que os brancos estariam estinados a vencer e subjugar os demais.

O fórum Stormfront se mostrou o maior site na internet que abertamente compactua com essa ideologia. Definindo-se como “nacionalista branco”, que, como veremos ao longo do texto, nada mais é que um eufemismo para a já conhecida supremacia branca, o fórum existe desde 1996, e se dedica a reunir ideias e pessoas que desejam discutir e se informar acerca dessa ideologia. Possuindo uma infindável quantidade de informações, o presente artigo o utiliza como ferramenta para observar como esse discurso se constrói para além de seus ideólogos, como é posto em prática por aqueles que acreditam.

O artigo procura, portanto, ligar ambos os movimentos em uma lógica de ação e reação, sendo o foco a compreensão do nascimento da *alt-right* e a observação de como o racismo é espalhado, discutido e incentivado nos redutos virtuais de extrema-direita. Demonstraremos como a lógica de supremacia racial está introjetada na história estadunidense e como seu resgate é uma ameaça direta aos direitos civis da população negra, sendo o fórum Stormfront a maior fonte de dados para a compreensão da organização de indivíduos pertencentes a grupos que ganham cada vez mais destaque no combate de movimentos sociais.

2 MARXISMO CULTURAL: A BASE DA *ALT-RIGHT*

Guerra é a palavra-chave quando se trata de compreender o ponto de vista da extrema direita e o Marxismo Cultural se tornou o ponto central na construção dessa narrativa que visa atingir o maior público possível dentre a população branca mundial. Trata-se de uma teoria conspiracionista que afirma existir uma rede mundial de interesses que visam destruir valores tradicionais, baseados principalmente na construção de uma identidade branca, judaico-cristã, patriarcal e heteronormativa, utilizando-se do marxismo para destruir a civilização ocidental. Seria ela a responsável por retirar os brancos de sua “natural” posição de superioridade para ameaçar o futuro de toda a população, transformando-os em uma minoria vítima de preconceitos socialmente normalizados.

No entanto, essa ameaça decorre de uma narrativa precisamente construída, que se apoia em fatos para então distorcê-los segundo seus objetivos. Segundo seus propagadores, a história nasce com Antonio Gramsci, filósofo marxista, que teria repensado a estratégia socialista em sua obra *Cadernos do Cárcere*, para adequá-la à sua realidade. Conforme explica Mirrlees:

Observando que a classe trabalhadora não estava se organizando espontaneamente para derrubar o capitalismo ou se comprometendo com a construção do Comunismo, e reconhecendo que a imposição do Comunismo sobre os trabalhadores era uma receita para a tirania (stalinismo) e resistência massiva (anti-stalinismo), Gramsci inventou um plano para levar voluntariamente a classe trabalhadora ao socialismo, chamada “marxismo cultural” (MIRRLEES, 2018, p. 54, tradução nossa).

Dessa forma, Gramsci teria conclamado todos os marxistas para tomarem controle de todos os órgãos culturais presentes na sociedade, como jornais, música, educação, literatura e até mesmo religião, e o pensamento teria se estabelecido nos Estados Unidos com a chegada de pensadores judeus marxistas como Theodor Adorno e Max Horkheimer, que foram acolhidos pelo país após a Segunda Guerra Mundial.

A partir dessa ideia principal, o Marxismo Cultural se tornou um termo “guarda-chuva”, que reúne todos os movimentos e ideais repudiados pela extrema direita, como o feminismo, o movimento negro e o LGBTQ+, o pacifismo e o multiculturalismo. Esse seria o cerne da tendência “antiocidental” que estaria ameaçando a existência de valores considerados essenciais para a sobrevivência da raça branca na sociedade. Portanto, precisariam ser ativamente combatidos.

O início do século XXI marcaria o crescimento da hegemonia marxista sob todos os veículos culturais da sociedade civil, colocando o homem branco conservador no papel de vilão social. Teria nascido, portanto, uma elite que comandaria não apenas os aspectos governamentais, mas todo o aparato cultural presente nos países, manipulando gerações de jovens para aceitarem ideologias degenerativas, como a justiça social e a igualdade de gêneros. Jornais, filmes, músicas, livros, escolas, personalidades da mídia, políticos, todos fariam parte da grande conspiração mundial para permitir a penetração do marxismo nos mais profundos lugares da civilização ocidental.

Ignorando o fato de que, apesar dessa elite mundial supostamente dominar quase to-

dos os indivíduos, o capitalismo ainda avança e se reinventa a passos largos e destrutivos, a extrema direita cria uma bolha fortalecida unicamente pelo ódio e pelo ressentimento de observar as tendências progressistas do mundo. É uma ferramenta sectarista para separar os grupos “dignos” de viver sob a égide daquele Estado dos “indignos”, um instrumento para a criação de uma identidade exclusiva e segregacionista. Como exemplifica Mirrlees:

O discurso de marxismo cultural da alt-right é uma ferramenta nessa batalha para construir o significado do que a América essencialmente é ou não, para traçar limites de definição – territoriais e imaginados – em torno de quem americanos realmente são e não são, e para delinear quem naturalmente pertence à comunidade nacional e quem é um forasteiro. [...] A composição da América é “branca”, “anglo-saxã” e “europeia”; o regime de gênero e sexo da América é patriarcal, heteronormativo e centrado em torno da família nuclear; sua ordem religiosa é a cristã; sua estrutura econômica é capitalista; os valores do individualismo, da meritocracia e da propriedade privada são sacrossantos (MIRRLEES, 2018, p. 58-59, tradução nossa).

Reformulando o conservadorismo para adequar-se à essa nova identidade reacionária, a *alt-right* se vê constantemente aludindo a um passado idealizado, uma história de glória nem sempre baseada em fatos, que impulsiona lemas modernos como *Make America Great Again* (faça a América grande de novo), conforme foi possível observar durante as eleições presidenciais de 2016. Nesse evento, é possível claramente notar a participação de grupos *alt-right*, uma vez que as eleições foram marcadas pelo apoio de figuras proeminentes deste movimento, tal qual Steve Bannon, que esteve à frente do conhecido site de notícias de extrema-direita *Breitbart* e participou ativamente na formação da estratégia de propaganda de Donald Trump.

3 UM BREVE HISTÓRICO DAS RELAÇÕES RACIAIS ESTADUNIDENSES

Para compreender o movimento supremacista contemporâneo, é necessário conhecer primeiro como se desenvolveu a dinâmica racial nos Estados Unidos. O racismo foi um elemento fundamental para a sua formação, marcando diferentes regimes que se reinventaram com o objetivo direto de reforçar a supremacia branca sobre todas as raças, sempre enfrentando resistência direta dos oprimidos. A seguir, desenharemos um breve panorama histórico a fim de contextualizar a origem do ativismo branco na internet.

A história estadunidense nasce sob a égide da supremacia racial, com o sistema escravagista que explorava corpos negros em plantações para o lucro de proprietários de terra brancos. Escravos eram constantemente desumanizados, em um esforço ativo de retirar toda a identidade desse povo e reforçar sua posição inferior, tendo suas culturas e ancestralidades apagadas, seus corpos violentados e seus direitos negados. No entanto, mesmo este mecanismo sendo vital para a manutenção do sistema, ainda enfrentou resistência.

Foi um período marcado por movimentos de insubordinação individuais, do transporte pelo navio negreiro à vida nos latifúndios:

Através de protestos, escravos aumentaram os custos de sua subordinação racial e

do terror que era utilizado para mantê-los subordinados, transformando a instituição cruel em um negócio arriscado e perigoso, o que levou, posteriormente, à sua derrubada. Escravos negros, nos EUA, frequentemente interrompiam os mecanismos da escravidão através de atos individuais de resistência, que incluíam automutilação, suicídio, abortos indetectáveis, envenenamento de senhores e a provocação de incêndios (MORRIS; TREITLER, 2019, p. 21).

Seja por meio de ações diretas contra o sistema, seja pela formação de redes de apoio para fortalecer o coletivo, escravos resistiram e foram uma peça chave para a derrocada do sistema, tornando-o progressivamente insustentável. Em um momento posterior, durante a Guerra de Secessão, essas mesmas ações individuais e coletivas foram vitais para a desarticulação da economia sulista, basicamente agrária, contribuindo para a vitória dos estados do Norte, abolicionistas.

O que se seguiu, não obstante, foi a necessidade de mais luta, uma vez que após a vitória contra o regime escravagista com a abolição, seguiu-se o também longo regime de segregação. Novamente, a elite branca se aparelhava para negar direitos e reforçar a ideia de que o país seria a casa de todos, contando que esses “todos” fossem brancos. Sinal de seu tempo, o filme “O Nascimento de uma Nação”, de 1915, demonstra perfeitamente como os produtos culturais refletiam o racismo²: a película, que retrata os anos da Guerra Civil, é profundamente marcada pelo conteúdo racista, retratando negros como bestiais, violentos e como culpados pela guerra no país. É a obra que marca um período que será conhecido como “regime Jim Crow”.

O regime Jim Crow, também conhecido como regime segregacionista, vigorou nos estados sulistas por meio de diversas leis estaduais que procuravam separar brancos e negros da convivência conjunta, e perdurou do final do século XIX até meados do século XX.

O sistema Jim Crow trabalhou para estampar nos negros a ideia de que estes constituíam uma população subordinada, ao forçá-los a viver em uma sociedade separada e inferior [...] os negros tinham de utilizar banheiros separados, frequentar escolas separadas, sentar-se no fundo de ônibus e trens, dirigir-se a brancos enquanto eram tratados de forma desrespeitosa, jurar com bíblias diferentes em um tribunal, comprar roupas sem experimentá-las antes, passar por mesas ‘apenas para brancos’ após adquirirem comida, e viajar sem dormir, pois hotéis não os hospedavam (MORRIS, 1999, p.518 apud MORRIS; TREITLER, 2019, p.23).

Este regime inaugurou uma nova forma de resistência, organizada, coletiva e majoritariamente pacífica. A derrocada do sistema segregacionista inicia-se com o marco do boicote ao ônibus na cidade de Montgomery, em apoio à detenção de Rosa Parks, que se recusou a ceder seu lugar a um homem branco. Do evento, nasce Movimento dos Direitos Civis, que se fortaleceu sob a liderança de Martin Luther King Jr. Mais uma vez, a população negra insurgiu contra o sistema que as oprimia, colhendo seus frutos em 1964, com a Lei de Direitos Civis e da posterior Lei de Direitos de Voto, ata-

2 BROOK, Tom. The Birth of a Nation: The most racist movie ever made?. BBC, 6 de fev. de 2015. Disponível em: <https://www.bbc.com/culture/article/20150206-the-most-racist-movie-ever-made>. Acesso em: 1 de jul. de 2020

cando os dois maiores pilares do regime Jim Crow, a separação e a privação política.

É importante frisar que, apesar da derrubada dos mecanismos constitucionais de opressão, a população negra nunca viveu em plena igualdade com a população branca, mesmo com a implementação de posteriores ações afirmativas. Esse grupo ainda sofre com maiores taxas de violência, encarceramento, mortalidade infantil, menor expectativa de vida e renda per capita, entre outros fatores que contribuem para a desigualdade racial no Estados Unidos.

É dentro desse contexto de violência sistêmica que nascem movimentos contemporâneos tal qual o *Black Lives Matter*, que luta ativamente, mesmo que de forma mais descentralizada, contra o racismo presente nas forças policiais que leva ao encarceramento em massa da população negra, bem como um número acentuado de mortes violentas de pessoas inocentes. O cenário atual ainda denota a extrema necessidade de mudanças.

E mesmo dado o contexto histórico, as tensões raciais nunca diminuíram, uma vez que, para a população branca conservadora, a concessão de direitos e o esforço social e governamental pela diminuição do abismo existente entre as duas raças implica na direta retirada de direitos desse grupo. Também é possível observar uma onda que aponta que esses movimentos acompanham uma espécie de “racismo reverso” que os ameaçaria, gerando um grande movimento reacionário, que em parte analisamos aqui. Este posicionamento apenas se reforçou nos últimos anos, culminando com a eleição de Donald Trump para a presidência do país, cuja campanha contou com grande apoio de grupos de extrema direita.

Portanto, é possível afirmarmos que a alusão a um passado idealizado é, por si só, um pensamento racista. Ao idealizar-se tempos outros se está propositalmente enaltecendo um país cuja história foi formada sob o sangue de minorias, em especial a população negra, que resistiu por séculos para obterem o mínimo reconhecimento de sua existência enquanto um grupo merecedor de direitos fundamentais. É necessário reconhecer, finalmente, que o discurso que se mostra como mera “proteção da tradição” carrega, por vezes nas entrelinhas, por vezes explicitamente, uma bandeira que ataca de maneira direta os direitos civis e a memória da luta da população negra.

4 STORMFRONT E A ATUAÇÃO DA *ALT-RIGHT* NA INTERNET

Guiado pela mesma ideologia direcionada pelos lemas “sangue e solo” e “eles não irão nos substituir”, o fórum Stormfront se apresenta como a maior comunidade abertamente nacionalista branca da internet, reunindo milhões de usuários e postagens dos mais diversos teores. “A verdade é ódio para aqueles que odeiam a verdade” é a frase que estampa o topo do site criado há 23 anos, onde é possível observar com clareza como o discurso molda a mente de jovens e adultos que encontram no ultranacionalismo ou no neonazismo um eco para seus pensamentos, que se chocam violentamente contra a tendência globalizadora do mundo.

É importante, no entanto, explicar como a própria denominação de “nacionalismo branco” e “direita alternativa” influencia a maneira como a ideologia procura ser vista e até mesmo aceita no discurso popular. Como pontua Hartzell (2018, tradução nossa), a retórica formada contemporaneamente por esses grupos procura de modo ativo se afastar da associação aos grupos ligados à ideologia da supremacia branca, como a Ku Klux Klan, por exemplo. Ou seja, apesar

de na prática ambas as ideologias se mostrarem praticamente idênticas, a difusão desses ideais entre o grande público forçou uma série de transformações e eufemismos. Segundo a autora:

Ambas as retóricas nacionalista branca e “alt-right” tentam promover uma consciência racial branca e criar espaço para celebrações abertas de orgulho branco no discurso popular por meio da desarticulação da branquitude de sua posição de dominação, para reimaginar estadunidenses brancos como desfavorecidos e privados de direitos (HARTZELL, 2018, p. 11, tradução nossa).

O discurso que é apresentado no site se apoia na certeza de que as populações de outras etnias possuem o direito de pensar, orgulhar-se e manifestar-se a favor de suas culturas e histórias, direito esse que teria sido negado aos grupos brancos. Suas manifestações seriam consideradas demonstrações de ódio, explicitando como a justiça social estaria favorecendo outros grupos em detrimento da população branca, que estaria não apenas com sua cultura em perigo, como sua população inteira.

Dessa forma, podemos observar o preponderante revisionismo histórico que permeia o discurso da extrema-direita é, inegavelmente, um pilar necessário para a sua sustentação. A negação de fatos históricos já comprovados, bem como sua subversão e reinterpretção, são meios de retirar desse grupo a responsabilidade histórica de reparar danos decorrentes de momentos tais como a escravidão, o colonialismo e o *apartheid*, e dar-lhes o direito de se posicionar como um grupo étnico superior, cujas ações trouxeram efeitos majoritariamente positivos.

Um elemento onipresente nas discussões da comunidade é o insistente uso da ciência, como a biologia, como viés de confirmação, buscando-se comprovar uma suposta escala de superioridade entre as raças com os brancos no topo. Ou seja, soma-se ao revisionismo histórico um resgate contemporâneo do Darwinismo social, criando-se a ideia de que é um fato consolidado de que pessoas brancas são intelectual e fisicamente superiores às demais, o que poderia ser comprovado pelas inúmeras áreas em que estes se mostram mais bem sucedidos (ou seja, ignorando completamente qualquer contexto social que possa estar envolvido com a disparidade de oportunidades entre diferentes grupos sociais).

Das discussões presentes no site, é possível inferir que a ciência e sua distorção são parte integrante do discurso de validação propagado pelos usuários, demonstrando um esforço em mostrar-se confiável e crível não só para os leigos que se aproximam, quanto para os próprios usuários que observam cotidianamente o esforço das minorias sociais para adquirir protagonismo.

Agrega-se a isso pensamentos típicos do ultranacionalismo, como a defesa da existência de “Etno-Estado” (TUCKER, 2018, tradução nossa), abolindo desde a imigração até a miscigenação, que é vista como genocídio. Quanto a esse tópico especificamente é possível lembrar quando, em 2016, a emergência da *hashtag* #*whitegenocide* tornou-se um dos assuntos mais comentados do Twitter, demonstrando o alcance já obtido pelo discurso da *alt-right* entre os internautas (DEEM, 2019, tradução nossa).

Como demonstra Deem (2019, tradução nossa), esse evento caracterizou-se como uma das primeiras aparições públicas de poder da extrema-direita na internet, demonstrando um traço que seria possível observar desde então nas ações desse grupo: o uso do

humor, da linguagem dos memes e da subversão de personagens, símbolos, dados e gestos para transformá-los em parte de sua nova subcultura. Um exemplo a ser citado é o sapo Pepe, personagem criado pelo cartunista Matt Furie para sua série de quadrinhos *Boy's Club* em 2005³, mas que uma década depois tornou-se parte da simbologia da extrema-direita.

Mais atualmente, é possível citar como o assassinato de George Floyd, fruto do racismo institucionalizado nas forças policiais estadunidenses, se tornou um gatilho para mais uma movimentação de grupos de extrema direita na internet, notadamente no Twitter. Frente a onda de protestos deflagrada pelo crime, podemos observar a larga divulgação de estatísticas criminais nos Estados Unidos, analisadas sob um viés explicitamente racista para deslegitimar o movimento *Black Lives Matter*.

No argumento, que convencionou-se chamar de “1350”, agentes da direita propagam a ideia de que, apesar da população negra compor apenas 13% da população total, é responsável por 50% dos homicídios cometidos no país⁴. É vital pontuar que esses dados provêm de uma coleta parcial de informações de estudos e não há qualquer análise social acerca de como uma população histórica e socialmente vulnerável está mais sujeita a ser afetada pela criminalidade. Demonstra-se, assim, que o verdadeiro objetivo desses grupos é divulgar a ideia de que pessoas negras são naturalmente mais violentas e propensas a cometer crimes. Assim, a extrema direita utiliza estatísticas de forma distorcida e descontextualizada, visando levar o discurso supremacista escondido nas entrelinhas para o grande público da internet.

A partir da breve descrição anteriormente feita, é possível observarmos um dos maiores objetivos dos grupos de extrema direita: levar o discurso para o grande público, normalizá-lo e agregar o maior número possível de apoiadores. Por um lado, pode ser utilizado o humor, a ironia e muitas vezes até mesmo perseguição na internet para atrair principalmente jovens que se veem lesados ao não recolherem as supostas recompensas que lhes eram prometidas pelo simples fato de serem brancos, e sentem com a ascensão de minorias um incômodo que virá a receber sentido e significado com o discurso de ódio presente na extrema-direita.

Por outro, visa-se atrair pessoas por meio da criação de uma imagem positiva e intelectualizada, distante de grupos abertamente supremacistas e de aparência amigável, com objetivos que visam somente a preservação da cultura e hereditariedade branca, reinventando até mesmo a linguagem e termos tipicamente associados à extrema direita, como por exemplo “conspiração global judia”, passando-o para “globalismo falho” (TUCKER, 2018, tradução nossa). Obter uma retórica que fosse capaz de espalhar a ideologia de forma disfarçada entre os veículos de difusão de informação (como jornais e redes sociais) é uma tarefa central entre seus membros, assim, “criar uma linguagem palatável e normalizada que ainda carregasse o núcleo da mensagem tornou-se uma tarefa vital, eles precisavam parecer seus vizinhos, não monstros encapuzados” (TUCKER, 2018, p.19, tradução nossa).

No fórum, podemos observar de forma clara como os elementos formadores da alt-right

3 DI PLACIDO, Dani. How ‘Pepe The Frog’ Became A Symbol of Hatred. *Forbes*, 09 de mai. de 2020. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/danidiplacido/2017/05/09/how-pepe-the-frog-became-a-symbol-of-hatred/#14ddefc9426b>. Acesso em: 1 de jul. de 2020

4 MORGAN, Rachel E. et al. Race and hispanic origin of victims and offenders, 2012-15. *Victims and Offenders*, v. 2012, p. 15, 2017. Disponível em: <https://www.bjs.gov/content/pub/pdf/rhovo1215.pdf>. Acesso em: 1 de jul. de 2020

se manifestam no pensamento cotidiano. Em tópicos como “Por que mulheres brancas se sentem tão atraídas por negros?” podemos observar como a manifestação do resgate ao darwinismo citado acima, sendo tratado com naturalidade. Dentro da visão dos próprios usuários, essa suposta preferência seria fruto da propaganda racial (advinda da conspiração marxista mundial) que é permitida aos outros grupos e negada aos brancos, outros até mesmo conjecturando que pessoas negras se aproximariam de brancos como um instinto biológico de aprimoramento humano, partindo-se do princípio que todas as outras etnias seriam intelectualmente inferiores e buscariam aprimorar-se por meio da miscigenação, o que seria, segundo eles, degenerativo.

Ainda há tópicos dentro do mesmo tema que não apenas criticam a miscigenação como degenerativa ou genocida, mas também incentivam uma espécie de “eugenia pessoal”, em que há o incentivo pelo aprimoramento pessoal e privilegiamento de pessoas consideradas “verdadeiramente brancas”, ou seja, sem nenhum antepassado conhecido não-branco. É possível observar uma linguagem que claramente procura desumanizar outros grupos, utilizando-se muitas vezes apenas do termo “não-branco” e descrevendo-os apenas como seres inferiores que são movidos unicamente por seus “genes inferiores” de forma instintiva, assim como insultos raciais dos mais diversos.

Ainda é possível pontuar que, em diversos momentos, usuários comparam pessoas negras a animais, atribuindo a esse grupo adjetivos como “selvagem” ou “bestial”. Em postagens mais extremas é possível encontrar pessoas que considerem a atração à pessoas negras algum tipo de desvio moral, muitos pontuando que o racismo é algo que se obtém naturalmente ao interagir com outras raças que não a branca, podendo surgir até mesmo de um “natural instinto territorialista” humano.

Por meio dessa narrativa se reduz e se distorce toda a complexidade da formação histórico-cultural das populações negras nos Estados Unidos à meras “tendências animais”. Há a intenção de, mais uma vez, posicionar a população branca como vítima, dessa vez da ineficiência do Estado em permitir que negros e brancos frequentem os mesmos espaços públicos e dos altos índices de violência que, na verdade, demonstram como séculos de descaso do poder público aprofundaram a marginalização de certos grupos já historicamente desfavorecidos.

Esta é uma tentativa de afirmar a existência de um racismo reverso, baseado na ideia de que o processo de ganho de direitos desses grupos é acompanhado de uma tendência anti-branca de discriminação, além de haver uma crença de que a raça determina aptidões e propensões (logo, pessoas negras seriam naturalmente mais propensas a cometer crimes, agir violentamente etc.), estando essa crença atrelada a um senso comum racial que determina expectativas acerca da forma de agir de uma pessoa e de como ela vai se encaixar na sociedade (MORRIS; TREITLER, 2019).

O onipresente revisionismo histórico encontra-se destilado em inúmeros tópicos, que moldam o ponto de vista do grupo ultranacionalista. Não é incomum observar desde tópicos que defendem explicitamente a eugenia nazista e a negação do holocausto, até opiniões diversas que convergem em pensar que o colonialismo europeu na África e na Ásia não apenas trouxe benefícios para a população “subdesenvolvida”, como foi o ápice desses locais, tecnológica e civilizacionalmente, retirando-os de um estado mais “primitivo” de vida. No entanto, essa exaltação mescla-se com o tradicional isolacionismo já explicado anterior-

mente, defendendo-se que não há motivos para interferir em assuntos além dos de suas etnias, revelando que, subconscientemente, há uma contradição que ao mesmo tempo exalta o período colonizador e reconhece que ele trouxe consequências para os povos locais.

Ao que parece, um indivíduo supremacista é perfeitamente capaz de misturar-se entre o grande público, disfarçar seu discurso como mera defesa das tradições, valorização e orgulho de sua etnia, mas isso não significa que já não estejamos enfrentando consequências dessa ideologia.

5 CONCLUSÃO

Sabendo que o conteúdo ali propagado é extremamente ofensivo em diversos níveis, uma questão nasce: por que um site abertamente supremacista ainda existe na *surface web*? Por que não houve qualquer tipo de ação para encontrar os usuários ou retirar o site do ar?

Primeiramente, é importante mencionar que, por seu teor controverso, o site já passou um breve período fora do ar, em 2017, porém retornou ao seu domínio original. Segundo seus usuários, retirar o site do ar seria cercear a liberdade de expressão de milhares de pessoas que são obrigadas a discutirem anonimamente por medo de represálias em ambientes fora de suas bolhas sociais. Sobretudo nos Estados Unidos, a linha entre liberdade de expressão e discurso de ódio é extremamente tênue, uma vez que a Primeira Emenda da Constituição estadunidense não prevê qualquer tipo de punição a este tipo de discurso.

No entanto, é necessário traçar uma linha clara entre ambos os termos, não devendo confundir uma opinião com uma fala que reproduz uma ideologia opressora e potencialmente mortal contra um grupo. Discurso de ódio fere diretamente o direito à vida de diversas pessoas, ao não as considerar dignas de direitos humanos ou de tratamento igualitário. É relevante pontuar ainda que discursos de ódio não raramente ultrapassam a barreira do discurso e se materializam em ações violentas, como o massacre na igreja de Charleston nos Estados Unidos, em 2015, motivado por racismo.

Há, portanto, a urgente necessidade de rever mecanismos estatais que possam ser permissivos com a propagação desse tipo de conteúdo na internet e fora dela. É pensando nesse objetivo que o presente artigo visa expor as estratégias utilizadas para a propagação de discursos intolerantes e para a gradativa radicalização da sociedade, visando tornar o combate mais eficiente. Movimentos recentes expuseram graves fraturas na máquina estatal, deixando mais claro do que nunca como o racismo estrutural penetrou nas mais diversas instituições e ainda permanece apesar da histórica luta por direitos e suas conquistas, especialmente o corpo policial. Mesmo assim, há uma clara resistência que demonstra que a ideologia da supremacia branca ainda é um grande componente integrante da formação psicossocial da população branca estadunidense, deixando clara importância de se dificultar a chegada de retóricas maliciosas ao discurso *mainstream* conjuntamente com uma ação iconoclasta que desconstrua a memória de um glorioso passado baseado em figuras que representam momentos obscuros de perseguição e negação de direitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASSIDY, John. It's Time to Confront the Threat of Right-Wing Terrorism. **The New Yorker**, 16 de mar. de 2019. Disponível em: <https://www.newyorker.com/news/our-columnists/its-time-to-confront-the-threat-of-right-wing-terrorism>. Acesso em: 28 de dez. de 2019.

CERASE, Andrea; D'ANGELO, Elena; SANTORO, Claudia. Monitoring racist and xenophobic extremism to counter hate speech online: Ethical dilemmas and methods of a preventive approach. **Freedom from Fear**, v. 2016, n. 11, p. 111-119, 2016. Disponível em: https://www.un-ilibrary.org/human-rights-and-refugees/monitoring-racist-and-xenophobic-extremism-to-counter-hate-speech-online-ethical-dilemmas-and-methods-of-a-preventive-approach_d8b3d6ca-en. Acesso em: 25 de jun. de 2020.

DÉCADA INTERNACIONAL DE AFRODESCENDENTES. Disponível em: <http://decada-afro-onu.org/>. Acesso em: 1 de jul. de 2020.

DEEM, Alexandra. Extreme Speech: The Digital Traces of #whitegenocide and Alt-Right Affective Economies of Transgression. **International Journal of Communication**, v. 13, p. 20, 2019. Disponível em: <https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/9631/2717>. Acesso em: 29 de dez. de 2019.

FÓRUM STORMFRONT. Disponível em: <https://www.stormfront.org/forum/index.php>. Acesso em: 1 de jan. de 2020.

GOMES, Fernanda. “Unite the Right” Rally–The Alt-Right Self-Presentation Strategy and its Role on the Construction of White Identity. 2019. Disponível em: <https://openaccess.leidenuniv.nl/handle/1887/78697>. Acesso em: 29 de dez. de 2019.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Combatendo o racismo: Brasil, África do Sul e estados Unidos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 14, n. 39, p. 103-115, 1999.

HARTZELL, Stephanie L. Alt-White: Conceptualizing the “Alt-Right” as a Rhetorical Bridge between White Nationalism and Mainstream Public Discourse. **Journal of Contemporary Rhetoric**, v. 8, 2018. Disponível em: http://contemporaryrhetoric.com/wp-content/uploads/2018/02/Hartzell8_1_2_2.pdf. Acesso em: 30 de dez. de 2019.

MILLER-IDRISS, Cynthia. What Makes a Symbol Far Right? Co-opted and Missed Meanings in Far-Right Iconography. 2019. In: **Post-Digital Cultures of the Far Right: Online Actions and Offline Consequences in Europe and the US**, transcript Verlag, 2018. Disponível em: <https://www.oapen.org/search?identifier=1002636>. Acesso em: 30 de dez. de 2019.

MIRRLEES, Tanner. The Alt-right's Discourse on “Cultural Marxism”: A Political Instru-

ment of Intersectional Hate. **Atlantis: critical studies in gender, culture & social justice**, v. 39, n. 1, p. 49-69, 2018. Disponível em: <http://digicomm2b.msvu.ca/index.php/atlantis/article/view/5403>. Acesso em: 29 de dez. de 2019.

MORRIS, Aldon; TREITLER, Vilna Bashi. O ESTADO RACIAL DA UNIÃO: compreendendo raça e desigualdade racial nos Estados Unidos da América. **Caderno CRH**, v. 32, n. 85, p. 15-31, 2019.

OLIVER, Scott. Unwrapping the ‘Cultural Marxism’ Nonsense the Alt-Right Loves. **Vice**, 23 de fev. de 2017. Disponível em: https://www.vice.com/en_us/article/78mny/unwrapping-the-conspiracy-theory-that-drives-the-alt-right. Acesso em: 29 de dez. 2019.

TUCKER, Gabriel A. Maga, Memes, and Magnificent Hair: How Have Alt-Right, White Supremacy, and White Nationalism Become Rooted in American History?. **Op-Ed Pieces**, 2018. Disponível em: <https://digitalcommons.augustana.edu/polsoped/20/>. Acesso em: 29 de dez. de 2019.

WILSON, Jason. ‘Cultural Marxism’: a uniting theory for rightwingers who love to play the victim. **The Guardian**, 19 de jan. de 2015. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2015/jan/19/cultural-marxism-a-uniting-theory-for-rightwingers-who-love-to-play-the-victim>. Acesso em: 29 de dez. 2019-